

**GT 10- Alfabetização, Leitura e Escrita****ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS**

Ambrosiana da Silva Fernandes (UFRN)

Giane Bezerra Vieira (UFRN)

**APRESENTANDO O ESTUDO**

O presente trabalho se insere na chamada modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme a LDB nº 9394/96 (Título V; capítulo II; Seção V; Art.37). Apresentamos os resultados finais de uma pesquisa, que tem como objetivo investigar as concepções de professoras sobre a alfabetização/letramento na educação de jovens e adultos.

Sabemos que no contexto atual da sociedade letrada a alfabetização se constitui em uma das necessidades primordiais dos indivíduos (FERREIRO, 2011). Todavia, o nosso país apresenta dados estatísticos alarmantes que evidenciam um grande número de pessoas que não sabem ler e escrever. Nesse sentido, diversas pesquisas demonstram a necessidade de termos um olhar atencioso sobre a educação de jovens e adultos, particularmente, no âmbito dos anos iniciais do ensino fundamental, onde escolas, professores e alunos têm enfrentado situações bastante adversas para fazer cumprir, pelo menos, a efetivação do direito ao nível obrigatório da educação – o ensino fundamental.

Qualquer estudo que tenha como preocupação essa etapa da educação não pode descuidar de uma grande, complexa e fundamental aquisição que deveria acontecer no início da escolaridade – a alfabetização/letramento – sem a qual nenhum educando conseguirá avançar para outros níveis da educação, nem mesmo no âmbito do ensino fundamental.

A EJA é uma modalidade de ensino que consiste em oferecer a Educação Básica para as pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar o Ensino Fundamental ou Médio por diversos fatores, ou que já frequentaram a escola antes, mas não obtiveram resultados positivos, tornando-se excluídos da escola e conseqüentemente da sociedade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 os sistemas de ensino deverão oferecer gratuitamente aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade de ingressar ou concluir o ensino regular, oportunidades adequadas para que estes alunos aprendam.

No que concerne, ao aprendizado e permanência desses jovens na escola, propõe-se que o poder público estimule o seu acesso e continuidade através de ações integradas e complementares. (BRASIL, 1996). Contudo, na Declaração de Hamburgo, da qual o Brasil também é signatário, encontramos uma definição que concebe a Educação de Jovens e adultos como um processo de aprendizagem ao longo de toda a vida, que é caracterizado como:

[...] todo processo de aprendizagem, formal ou informal, em que pessoas consideradas adultas pela sociedade desenvolvem suas capacidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, ou as redirecionam, para atender suas necessidades e as de sua sociedade. (Art. 3º da Declaração de Hamburgo in CONFINTEA VI, 2010, p 6).

Concordamos com a perspectiva mais ampla conferida à EJA, pela Declaração de Hamburgo, sobretudo se tomarmos como referência as Diretrizes Curriculares da EJA (Parecer CNE/CEB nº 11/2000 e Resolução CNE/CEB nº 1/2000).

Ali, estão explicitadas as funções da EJA no Brasil – reparadora; qualificadora e equalizadora – que demonstram a ampliação do campo de ação da modalidade, se comparado ao definido por nossa LDB.

Entretanto na sociedade letrada, evidencia-se um contraste entre o que é proclamado na legislação e o que acontece efetivamente nas escolas que atendem alunos da EJA. Os índices estatísticos comprovam o número de pessoas não alfabetizadas em nosso país, que segundo o IBGE<sup>1</sup> (2011) atingem 9,6 % da população. Esse é um aspecto que demonstra que o direito subjetivo à alfabetização tem sido negado para essas pessoas.

Nesse sentido, ratificamos que muitos desses alunos são vítimas do fracasso escolar que é decorrente de múltiplas determinações e, dentre elas, as prováveis lacunas na formação do professor – que muitas vezes é insuficiente para uma prática pedagógica bem sucedida,

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

pois como nos lembra Silva; Porcaro e Santos (2011) a formação do professor da educação de jovens e adultos está diretamente relacionada à qualidade do ensino.

Diante do exposto, muitos saberes específicos são necessários ao professor alfabetizador da EJA para que ele possa proporcionar aos seus alunos situações em que haja uma boa mediação para o aprendizado da língua escrita e de seus usos nas práticas sociais.

Nesse sentido, Soares (2003) esclarece que o processo de alfabetização é algo complexo e multifacetado, que exige dos professores conhecimentos específicos para ensinar aprender a língua escrita, já que esse processo envolve aspectos de natureza linguística, sociolinguística e psicolinguística, além de questões de ordem social e política.

Desse modo, a formação docente deve ser um processo contínuo e sistemático que envolva a criticidade e a reflexão sobre o fazer pedagógico. Corroborando com Parecer CNE/CEB 11/2000, ratificamos que a formação do professor que irá atuar ou atuar na educação de jovens e adultos, além de ser necessário o preparo docente, deve incluir as especificidades relacionadas a essa modalidade de ensino.

Por isso, o professor necessita estar preparado para interagir e ensejar situações de ensino aprendizagem centradas no diálogo e adequadas às necessidades desses alunos. O que nos leva a afirmar que é necessário que os docentes tenham uma formação sólida, no caso de professores alfabetizadores, que tenham conhecimentos e saberes subjacentes à linguagem escrita, que perspectivem a alfabetização/letramento bem sucedida dos alfabetizandos jovens e adultos.

## **ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS**

A sociedade contemporânea é caracterizada como grafocêntrica, visto que, a escrita ocupa lugar privilegiado em nosso contexto social. Nesse sentido, a alfabetização é concebida como um dos pilares culturais, já que, a leitura e a escrita apresentam importância fundamental no desenvolvimento das sociedades industriais e globalizadas (DI PIERRO, GALVÃO, 2007).

Durante momentos distintos na sociedade, a alfabetização assumiu diversos conceitos. Inicialmente, em 1940 era considerada alfabetizada a pessoa que soubesse codificar e decodificar; em 1950, esse conceito assume outro significado, estando relacionado à interpretação do que é escrito e lido. Atualmente, constata-se uma ampliação do significado da alfabetização que contempla a apropriação do sistema de escrita que possui dois aspectos

indissociáveis: codificação e produção (escrita) e decodificação e compreensão (leitura) de gêneros textuais diversos (SOARES, 2003).

Neste aspecto, para a autora, a alfabetização pode ser considerada como um processo complexo e multifacetado que envolve duas dimensões: uma individual – caracterizada pela capacidade do indivíduo ler e escrever – e outra social, que se refere à utilização social da leitura e da escrita.

Outro autor que apresentou grandes contribuições à educação de jovens e adultos, sobretudo no que se refere à alfabetização, foi Paulo Freire. O estudioso realizou uma crítica a concepção mecanicista da alfabetização, a qual enfatiza um trabalho com os aspectos ligados à codificação e decodificação da língua, em detrimento dos processos de produção e compreensão. Para o pesquisador, a alfabetização deve ser um instrumento que faça com que os indivíduos analfabetos tenham consciência dos seus direitos políticos, sociais e econômicos (FREIRE apud CARVALHO, 2009). Este pensamento é comum a Ferreiro (2011, p.56) quando afirma que “[...] analfabetismo e pobreza caminham juntos, não são fenômenos independentes; analfabetismo e marginalização social caminham juntos, não são fenômenos independentes,” sendo este um problema, sobretudo, político.

Nessa premissa, a educação de jovens e adultos deve constituir-se em uma educação emancipatória, que liberte os oprimidos da condição de opressão e inferioridade em que estão inseridos. A educação libertadora também se opunha ao conceito elaborado por ele de educação bancária que tem subjacente o princípio da sonoridade da palavra alienante, ao invés da sua força transformadora de compreender a realidade vigente (FREIRE, 2013).

O ensino da leitura e da escrita não pode ser concebido como algo estático e mecânico, em que o alfabetizando memoriza as letras e os sons sem compreender o sentido do texto, e sim como um processo criador e cultural para que compreenda a sua utilização e função na sociedade.

Mas, afinal em que consiste a alfabetização?

De acordo com Leal (2006) a alfabetização é o processo de aquisição do sistema de notação alfabético, que busca inserir o sujeito em situações que envolvam práticas de leitura e escrita através dos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade. Nessa perspectiva, inferimos que a alfabetização é um processo complexo, que exige do professor saberes específicos, compreensão das relações espaço-temporal envolvida neste processo, mas também da relação entre quem ensina e quem aprende.

Dessa forma, podemos conceber o indivíduo alfabetizado como aquele que sabe ler e escrever e utilizar os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade. Neste aspecto, a

alfabetização se torna fator essencial para que o indivíduo amplie suas aprendizagens e sua capacidade de relacionamento com o mundo, já que, a escrita é um fator fundamental para que o sujeito possa se inserir e intervir na realidade, bem como construir conhecimento. Sobre isto Ferreiro (2011) nos diz que

“[...] Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de ‘dizer por escrito’ esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta” (FERREIRO, 2011, p.54).

Quando falamos em alfabetização, especialmente quando esta envolve a compreensão e uso da diversidade histórica e cultural do povo, um conceito que enriquece a discussão é o de letramento, uma vez que este está diretamente ligado à alfabetização. De acordo com Moraes e Albuquerque (2006) o termo letramento se origina como uma nova concepção de alfabetização. Esse termo surge no Brasil em 1980 com a finalidade de atribuir o uso de diversos gêneros textuais presentes na sociedade e nas práticas de leitura orais e escritas mais complexas.

O termo letramento é a versão em português da palavra literacy que corresponde ao estado ou condição daquele que aprendeu a ler e escrever. Já em 2001 a palavra letramento foi dicionarizada pelo Houaiss que atribui o significado de conjunto de práticas que denotam a capacidade e o uso de diferentes materiais escritos (SOARES, 2003).

No Brasil, o termo letramento não substitui a palavra alfabetização, entretanto, os dois termos aparecem sempre associados. Contudo, alguns pesquisadores como Ferreiro (2001) defendem a utilização de um único termo ‘alfabetização’ para designar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois para ela o termo alfabetização é suficiente para contemplar os dois processos, uma vez que a alfabetização defendida pela estudiosa estaria inserida no contexto social da leitura e da escrita.

Todavia, autoras como Soares (2003) e Leal (2006) acreditam que deve haver uma distinção entre ambos, pois em alguns momentos ocorreram equívocos conceituais e pedagógicos relacionados à alfabetização em nosso país, tornando-se necessária a distinção entre as especificidades dos termos. Assim, para as pesquisadoras, a alfabetização corresponde à aquisição do sistema de notação alfabético que tem como especificidades a codificação, decodificação, compreensão, interpretação e significação do sistema de escrita alfabética, enquanto o letramento consiste no uso de práticas sociais de oralidade, leitura e

escrita que estão presentes na sociedade. Portanto, alfabetização e letramento são conceitos distintos e indissociáveis que ocorrem simultaneamente no contexto da prática pedagógica.

Nesse sentido, uma prática pedagógica de alfabetização eficaz na EJA consiste em fazer que o educando se aproprie das especificidades da alfabetização e do letramento em um contexto que envolva a leitura, a escrita e a produção de gêneros textuais sociais. Ademais,

[...] quando se considera que o adulto é produtor de saber e de cultura e que, mesmo não sabendo ler e escrever, está inserido – principalmente quando mora nos núcleos urbanos – em práticas efetivas de letramento, e o processo de alfabetização se torna muito mais significativo. (GALVÃO E SOARES, 2006, p.51).

Sabemos que os alunos que frequentam o nível de ensino da EJA, possuem pouco domínio sobre a leitura e a escrita, todavia, esses jovens vivenciam as mais diversas formas de interação em que a escrita e a leitura estão presentes. Sendo assim, ressaltamos que a alfabetização deve ocorrer de maneira significativa a partir da cultura e história de vida dos alunos, para que compreendam a escrita como uma representação cultural.

Nesse sentido, salientamos que a prática alfabetizadora não pode acontecer dissociada do letramento, visto que limitar o acesso e apropriação a produção cultural, é limitar também a inserção em práticas sociais de leitura e de escrita. Sobre isto, Vóvio (2009) nos lembra que as práticas de alfabetização não podem ser centradas apenas no ler para aprender a ler, e no escrever para aprender a escrever. É fundamental promover o desenvolvimento de habilidades para que os alunos jovens e adultos se insiram com autonomia em práticas de leitura, interpretação e produção de diversos textos.

Nesse contexto, a expressão ‘alfabetizar letrando’ refere-se à articulação de práticas de alfabetização e letramento em que o professor trabalha com as dimensões específicas da alfabetização e, ao mesmo tempo, com os usos sociais do ler e do escrever nas práticas culturais. Ou seja, alfabetizar letrando consiste em “ensinar a ler e escrever no contexto dos usos da leitura e escrita de textos” (ALBUQUERQUE; LEAL, 2006, p. 153).

Portanto, uma prática pedagógica fundamentada numa perspectiva do letramento deve ser centrada em uma relação dialógica e fundada no desenvolvimento de práticas discursivas com a linguagem escrita, tendo como ponto de partida a produção de gêneros textuais.

## O PERCURSO METODOLÓGICO

Na realização do trabalho, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, pois esta abordagem nos guiará na análise da subjetividade envolvida nos dados, considerando a realidade complexa e contextualizada na qual o objeto de estudo está inserido.

A abordagem qualitativa preocupa-se com a compreensão e interpretação do fenômeno estudado em suas múltiplas dimensões, visto que, nada pode ser considerado trivial, pois todos os aspectos podem constituir perspectivas que favoreçam esclarecimentos acerca do objeto estudado.

Partindo desse pressuposto, o pesquisador valoriza a compreensão e interpretação do seu objeto, porém, sem desconsiderar a influência de sua presença, enquanto investigador, no contexto da pesquisa que está desenvolvendo. Neste aspecto, aprofundar o conhecimento de uma dada realidade, em um contexto específico, considerando toda a sua complexidade (BOGDAN E BIKLEN, 1994), faz parte da abordagem orientadora deste trabalho, e guiarão a maneira de proceder de modo a atender aos objetivos do estudo.

No contexto da abordagem qualitativa de pesquisa, realizamos uma pesquisa exploratória que consiste numa primeira aproximação do pesquisador com o tema estudado. Para a construção dos dados utilizamos o questionário que pode ser caracterizado como instrumento que descreve as características do sujeito ou determinado grupo, por isso pode beneficiar tanto a análise do pesquisador, como ajudar outros especialistas (RICHARDSON, 1999). Este instrumento foi utilizado em nossa pesquisa com a finalidade de conhecer os sujeitos participantes.

Utilizamos também a entrevista semidiretiva, que possibilita uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado, além de ser uma técnica a qual permite a captação imediata e corrente da informação desejada (LUDKE; ANDRE, 1986). Ademais, a entrevista semi-estruturada, tem o caráter flexível o que permite ao entrevistador realizar adaptações quando necessário, retomando pontos que não ficaram esclarecidos durante a efetuação da mesma.

O nosso campo investigativo foi uma escola pública, que integra o sistema municipal de educação de Natal/RN. Os critérios de escolha do lócus de pesquisa foram os seguintes: a) ser escola pública; b) apresentar os níveis de ensino compatíveis com o nosso objeto de estudo, no nosso caso, o 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos; c) Permitir nosso acesso à escola e aos dados.

Para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa foram utilizados os seguintes critérios: a) ter experiência docente na EJA de, no mínimo, três anos, pois, segundo Tardif (2002), os docentes levam de 1 a 5 anos de prática em sala de aula para que seus saberes possam estar consolidados; b) que os professores estivessem atuando como professores titulares; c) aderir à pesquisa.

A partir dos dados obtidos através do questionário caracterizamos os nossos sujeitos. Em nossa pesquisa entrevistamos três professoras. A primeira professora apresenta faixa etária entre 35 e 45 anos, possui Magistério e graduação em licenciatura plena em Pedagogia, tendo concluído o curso em 1994; atualmente cursa especialização em Educação de Jovens e Adultos. Há 18 anos atua como professora, sendo 8 anos dedicados a Educação Infantil, 6 anos nos anos iniciais e do Ensino Fundamental e 4 anos na EJA.

A segunda professora apresenta faixa etária compreendida entre 35 a 45 anos, possui formação superior em Pedagogia, tendo concluído o curso em 1988. É especialista em Educação de Jovens e Adultos. Com relação ao tempo de serviço como professora, exerce a docência há 25 anos, sendo 16 anos dedicados aos anos iniciais do Ensino Fundamental, e 9 anos à EJA.

A terceira professora está na faixa etária compreendida entre 30 e 35 anos, tem graduação em Pedagogia, é especialista em Educação Infantil e atualmente cursa especialização em Educação de Jovens e Adultos. No que se refere ao tempo de atuação como docente, exerce a docência a 12 anos, sendo 4 anos dedicados a Educação Infantil e 6 anos a EJA.

Posteriormente à coleta de dados, realizamos a análise dos dados obtidos através do princípio da análise de conteúdo. Tomando como referência Bardin (2004), a análise de conteúdo consiste em realizar diversas leituras das entrevistas dos participantes, para extrair os pontos mais recorrentes nas vozes dos sujeitos.

## **APRESENTANDO OS RESULTADOS**

A análise dos dados foi feita a partir de eixos que foram sendo extraídos dos discursos das professoras e agrupados em unidades de sentido que foram constituindo as temáticas discutidas. Fundamentada em princípios de Análise de Conteúdo, após a sistematização dos dados obtidos, surgiu um grande tema: **Concepções de professoras sobre a alfabetização e letramento de jovens e adultos**; com as categorias: O aluno da EJA como sujeito da aprendizagem; A alfabetização/ letramento do jovem e adulto; Planejamento.

Nossas discussões são norteadas pela temática concepção de professoras sobre a alfabetização e letramento de pessoas jovens e adultas. Essa temática elucida os aspectos referentes à compreensão das professoras sobre a alfabetização/letramento, demonstrando o quanto é importante o entendimento desses conceitos na alfabetização de jovens e adultos.

O conceito de **concepção** usado neste artigo refere-se à ideia do ato de conceber, que consiste numa construção cognitiva e cultural mediada por significados imaginar e pensar para produzir tanto imagens mentais quanto materiais sobre um dado fenômeno ou objeto. Conceber significa ter ideias, juízo de valor sobre um determinado fenômeno. Essas ideias são construídas socialmente e atreladas aos modos de inserção e participação dos sujeitos na sua cultura.

Na prática pedagógica da EJA o professor alfabetizador desempenha um papel fundamental na aprendizagem dos alunos, levando em consideração que o aluno se apropria da linguagem escrita através da sua mediação. Portanto, o professor deve possibilitar situações adequadas de aprendizagem para os educandos.

Sobre esse processo mediacional, com base em Vygotsky, Rego (2010, p.107) afirma que o cerne da mediação é o “espaço” entre o que os educandos já sabem e conseguem realizar sozinhos (desenvolvimento real) e aquilo que, para se efetivar, depende da “ajuda” de outras pessoas mais “capazes” (desenvolvimento potencial). Esse espaço é denominado por Vygotsky como zona de desenvolvimento proximal. Visto dessa forma, o bom ensino é aquele “[...] que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem.” (VYGOTSKY, 1984, p.22).

Sob essa perspectiva Freire (1996) salienta que a aprendizagem deve ser um processo dialógico entre professores e alunos, que exige respeito aos saberes e experiências do aluno jovem e adulto. Igualmente, Moura (1999) afirma que o professor alfabetizador deve proporcionar aos alfabetizandos situações de aprendizagem que lhes possibilitem compreender a realidade, para que nela possa intervir e, ao mesmo tempo, adquira a aprendizagem da leitura e da escrita, considerada um instrumento desencadeador de novos conhecimentos.

Considerando os aspectos referentes à alfabetização de jovens e adultos, podemos inferir que o professor que atua nessa modalidade de ensino deve adquirir saberes e formação específica, tendo em vista que o público alvo da EJA tem características específicas, o que o torna diferenciado de um trabalho pedagógico com crianças.

Dessa maneira, apresentaremos a categoria referente aos alunos da EJA como sujeitos da aprendizagem, em que destacaremos as concepções das professoras sobre **o aluno**

**jovem adulto.** Com o intuito de verificar se as professoras consideravam ou não que existiam diferenças entre o aprendizado do adulto e da criança, questionamos quais eram as suas concepções sobre as características dos alunos da EJA. Isso pode ser evidenciado nas seguintes falas das entrevistadas.

O aluno da EJA é diferente do aluno do ensino regular, da criança que frequenta o ensino fundamental. São alunos que já tiveram reprovação, em muitos casos se matricula todos os anos, e nunca conseguem concluir. Na maioria das vezes, já frequentou a escola antes, porém teve várias evasões e expulsões no ensino regular. (Fala de P1).

Os alunos da EJA são pessoas que por diversos fatores tiveram que abandonar seus estudos, muitos deles relacionados ao trabalho. Em muitos casos também não conseguiram experiências exitosas com o sistema escolar, o que os levou a abandonar os estudos. É diferente da criança que ainda está em desenvolvimento. (Fala de P2).

O aluno da EJA é marcado por especificidades distintas da criança. Geralmente é o jovem ou adulto que não teve oportunidade de frequentar a escolar regular, e conseqüentemente teve seus direitos negados. Possui diversos saberes e experiências adquiridas do trabalho e do seu cotidiano. Ele vivencia diversas situações de interação com a língua escrita, como qualquer pessoa que é alfabetizada ou não. (Fala de P3).

Pelo exposto, aprendemos que as professoras entrevistadas, compreendem que a organização das situações de ensino-aprendizagem na EJA deve levar em consideração singularidades e características diferentes de um trabalho pedagógico que é desenvolvido com crianças. Diante disso, a maioria dos alunos que frequentam a EJA apresentam semelhanças em alguns aspectos socioeconômicos, entretanto, são alunos que possuem características culturais e sociais distintas. Ingressam na escola com uma bagagem de conhecimentos adquiridos através do trabalho, da convivência familiar e do meio sociocultural no qual estão inseridos. Nesse cenário, inserem-se os jovens, os mais jovens (adolescentes), os adultos, e os idosos, (grupo de pessoas que a cada dia se insere nas escolas em nosso país).

Porém, se por um lado, há diferenças entre o jovem e o adulto das salas de alfabetização de EJA, também há atributos semelhantes como a sua incompletude e o seu inacabamento, o que possibilita desenvolver aprendizagens por toda a vida.

No que se refere à categoria **alfabetização e letramento**, está irá abordar os aspectos referentes à alfabetização e ao letramento, bem como o alfabetizar/letrando na EJA. Nesse ínterim a concepção de alfabetização/letramento na EJA, pode ser considerada como um processo que exige sistematização e organização dos saberes acerca da língua escrita, bem como, metodologias adequadas que favoreçam a alfabetização/letramento do aluno jovem adulto.

Apoiando-se nas ideias de Moura (2007), ratificamos que num processo efetivo de alfabetização, o professor deve intervir conscientemente, utilizando-se de metodologias que tenham significação para o aluno e que favoreçam as suas aprendizagens.

As professoras entrevistadas apresentaram as seguintes concepções de alfabetização. P1 e P2 e afirmaram que:

A alfabetização está relacionada ao ensino da leitura e da escrita, é fazer com que o alfabetizando aprenda a ler e escrever e interpretar textos. A alfabetização deve proporcionar ao aluno intervir na realidade em que está inserida, já o letramento é relacionado aos gêneros textuais. (P1).

Alfabetizar é o ato de aprender a ler e escrever, é fazer com que o aluno aprenda o sentido da leitura e da escrita e melhore sua autoestima, tendo autonomia para realizar as atividades do seu cotidiano relacionadas à escrita. (P 2).

Entretanto, para a professora P3 a alfabetização é:

A alfabetização se dá num processo, que requer saberes sobre a língua escrita, envolve a codificação e decodificação. O aluno alfabetizado ou não deve utilizar-se de textos, que é o letramento o aspecto mais amplo da alfabetização. (P3).

A partir das falas das professoras pudemos evidenciar que a concepção de alfabetização ainda se apresenta associada apenas ao ato de ler e escrever, ao aspecto mecânico da alfabetização. Contudo, salientamos que a alfabetização é um processo sistemático que se dá em um contínuo, envolve avanços, recuos e conflitos. Além de possuírem a codificação e a decodificação como especificidades, também apresentam a compreensão e interpretação sobre a língua escrita. Ademais, é observado que há uma preocupação em fazer com o aluno se insira e faça uso da leitura e da escrita na sociedade.

A concepção de letramento apresentada pelas entrevistadas aparece associada ao conceito de alfabetização, o que é predominante nos estudos e pesquisas atuais, todavia são processos distintos e indissociáveis que se complementam na prática pedagógica. (SOARES, 2003; ALBUQUERQUE e LEAL, 2006). Sendo assim, evidenciamos nas falas das professoras as seguintes afirmações:

Para mim, o letramento é paralelo à alfabetização. Letramento é trabalhar com os gêneros textuais, com a leitura e compreensão dos textos. (P1).

Eu acredito que o letramento está associado da alfabetização, só que tá mais voltado para o contexto social do aluno, para a leitura que ele faz da realidade, do seu cotidiano, por exemplo quando faz uma lista de compras, uma receita, o jornal, identifica placas ao pegar o ônibus para ir trabalhar, muitas vezes mesmo não sabendo ler. (P2).

Letramento pra mim significa a utilização e conhecimento de textos que fazem parte da realidade do aluno. O nosso aluno da EJA, muitos ainda não estão alfabetizados

mais identificam a estrutura de alguns textos e sabem qual a finalidade do texto, por isso que letrar é integrado da alfabetização. (P3)

Todavia, no que concerne ao aspecto de alfabetizar/letrando na EJA as entrevistadas, ressaltaram a importância de se trabalhar essas duas dimensões na alfabetização de jovens e adultos. Porém, a professora P1 afirma que são processos que acontecem paralelamente. Quando indagada pelo que seria então o alfabetizar letrando, afirmou que:

Alfabetizar letrando pra mim são conceitos diferentes, por isso acho que devam ocorrer separados, primeiro alfabetização depois o letramento, com os textos. Como placas, bilhetes, músicas. (P1)

Contrapondo-se a P1, as demais professoras entrevistadas relataram que é alfabetizar letrando é:

São processos que ocorrem associados, só que alfabetizar é mais voltado pra escrita e leitura, e o letramento para o contexto social, os textos, a leitura que o aluno realiza do mundo. (P2).

Alfabetização e letramento são diferentes, só que eles se associam, e ajudam na aprendizagem do aluno, até o sentido que tem sobre ler e escrever, porque a escrita e os textos fazem parte da realidade e do trabalho dos alunos. [...] Podemos trabalhar com cartas, bilhetes, piadas, receitas, panfletos, que são coisas que fazem parte da vida deles. (P3).

Pelo exposto, constatamos que mesmo que as professoras apresentem alguns equívocos referentes a esses dois termos, ressaltamos que há uma preocupação em fazer com o aluno jovem adulto se alfabetize em contexto de letramento, pois a articulação dos dois termos promove aprendizagens mais significativas para os alunos, visto que, além de contemplar as especificidades da alfabetização e do letramento, poderá assim ampliar as experiências de letramentos dos alunos jovens e adultos.

Desse modo, uma prática alfabetizadora na EJA, deve ser pautada no alfabetizar letrando. A concepção desta prática envolve o aprendizado sistemático da alfabetização, atrelada à utilização dos diversos gêneros textuais que estão presentes na sociedade. Sob essa perspectiva Leite (2013), Albuquerque e Leal (2006) esclarecem que não basta apenas o alfabetizando se apropriar do código escrito, é preciso que o aluno da EJA interaja com o material escrito, e que participe de práticas sociais que envolvem leitura, escrita e oralidade.

A alfabetização na perspectiva do letramento materializa-se, na prática pedagógica, em oferecer aos jovens e adultos oportunidades de análise e reflexão sobre a língua (sempre de forma contextualizada), que os leve à construção da base alfabética e, simultaneamente, a

promover o seu contato com diferentes gêneros textuais, colocando-as em situações reais de leitura e escrita, mesmo que não dominem a leitura e a escrita na sua forma convencional.

No que tange a categoria do **planejamento**, esta se refere à organização das atividades desenvolvidas na alfabetização de jovens e adultos. O planejamento consiste em uma atividade que deve ser planejada, reflexiva e reconstruída quando necessária. De acordo, com as professoras entrevistadas o planejamento da prática pedagógica é fundamental para que o aluno se aproprie da linguagem escrita.

Diante disso as professoras definiram o planejamento como:

O planejamento é muito importante na prática pedagógica, é a partir do planejamento que a gente pensa sobre as atividades que podem ser feitas com os alunos e que caminhos seguir, além de refletir sobre a prática. (P1).

Planejar pra mim é essencial, é o momento de refletir sobre a prática, e sobre os alunos. Eu penso, será que estou proporcionando aprendizagens significativas para os alunos? O que é que eu posso fazer pra aquele aluno participar mais. (P2).

No momento do planejamento, eu busco pensar atividades que correspondam às expectativas e níveis de aprendizagem dos alunos. Isso é muito importante, pois facilitar até na maneira de avaliar nosso aluno da EJA. Além de ser um momento de verificar o que precisa ser modificado ou não. (P3).

Nesse interim, segundo as professoras entrevistadas o planejamento oportuniza as seguintes possibilidades: a) de planejar atividades específicas para determinados alunos; b) de saber o melhor momento para intervir junto aos alunos; c) considerar os níveis de aprendizagens e limites dos alunos.

Assim sendo, o planejamento pode ser concebido como: “[...] uma ação reflexiva, viva, continua. Uma atividade constante, permeada por um processo de avaliação e revisão sobre o que somos, fazemos e realizamos para atingir nossos objetivos”. (FARIAS, 2009, p.107).

Nesse sentido, afirmamos que o planejamento, a escolha e elaboração de atividades devem ser permeadas por constante reflexão e pesquisa, para que oportunize aprendizagens significativas para os alunos. Ademais, segundo a autora citada, o planejamento se inicia com o diagnóstico da realidade sobre a qual os sujeitos estão agindo e intervindo, para que se possam definir adequadamente os elementos do ensino.

De acordo com Freire (1996) o fazer pedagógico envolve a dialogicidade do pensar/fazer/ executar a prática pedagógica. Em suma, o processo de aprender/ ensinar envolve a compreensão dos aspectos pedagógicos, além da compreensão das influências sociais, econômicas e políticas presentes, não apenas no meio educacional, mas principalmente na vida de quem aprende-ensina.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES**

Após a conclusão desta pesquisa, novos horizontes foram vislumbrados e novas possibilidades de investigação foram geradas, visto que, o presente trabalho diz respeito às concepções de professoras sobre alfabetização e letramento na EJA. Na análise dos dados obtidos constatou-se que os professores têm apresentado concepções de alfabetização voltadas para o aspecto do código escrito, embora acreditem que é essencial que o aluno da EJA, amplie suas aprendizagens de leitura e de escrita, intervindo e compreendendo a realidade política e social que estão inseridos.

Nesse sentido, demonstram que é importante alfabetizar letrando, embora sejam conceitos distintos devem ocorrer simultaneamente, já que, se complementam entre si. Percebemos em suas falas que há uma preocupação em fazer com que os alunos se alfabetizem e ampliem suas práticas de leitura e escrita.

Salientamos que nossa pesquisa é de extrema importância, pois os resultados mostram que a formação do professor está diretamente relacionada à qualidade do ensino, e em se tratando da EJA a formação docente constitui-se em uma necessidade, para que se possam desenvolver práticas de alfabetizar letrando exitosas. É necessário destacar que os dados obtidos nessa pesquisa ainda são bastantes preliminares, porém demonstram a importância de uma formação contínua de professores, especificamente de professores alfabetizadores que atuam na EJA.

Conforme Freitas (2007), ratificamos que a existência de professores qualificados na EJA, está relacionada diretamente com a definição que é atribuída a EJA no campo das políticas públicas. Quando esta se torna prioridade no contexto das políticas públicas educacionais, conseqüentemente a busca pela formação qualificada do professor será uma demanda necessária para satisfazer as dificuldades dos alunos e professores.

Ademais, a temática estudada possibilitou a aprendizagem de novos saberes, e gerou novos questionamentos, fazendo com que a nossa curiosidade ingênua tornasse epistemológica, o que nos motivou a iniciar um novo estudo sobre os desafios/ necessidades formativas de professores alfabetizadores da Educação de Jovens e Adultos. Entre outros conhecimentos adquiridos acreditamos que investigar as concepções de professoras sobre alfabetização/letramento de pessoas jovens e adultas, pode se constituir em um ponto de partida para a formação continuada e a aprendizagem de novos saberes para os docentes que atuam nessa modalidade de ensino.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 2004.

BRASIL. Lei nº 9394/96: **diretrizes e bases da educação nacional**, de 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Editora Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº 11/2000 – Assunto: **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Relator: Carlos Roberto Jamil Cury.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

CARVALHO, Marlene. **Primeiras Letras: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares**. São Paulo: Ática, 2009.

CONFERÊNCIA Internacional sobre a Educação de Adultos (V: 1997; Hamburgo, Alemanha): **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos: agenda para o futuro**. Brasília: SESI/UNESCO, 1999, p. 67 (série SESI/UNESCO – Educação do Trabalhador, 1).

FARIAS, Maria Isabel de. Et al. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber livro, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Significados da Escrita no mundo atual. Brasília, DF, 2001. Revista criança do Professor de Educação Infantil, n. 35, p. 3-9, dez. 2001, **entrevista concedida a Ana Sanchez**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. A Educação de Jovens e Adultos em Maceió – Alagoas: a experiência de uma década – 1993 a 2003. In: MOURA, Tania Maria de Melo. (Org.). **A formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos: dilemas atuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da Alfabetização de Adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

LEAL, Telma Ferraz. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa D. Afonso. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, 99 p. (Temas Básicos de Educação e Ensino).

MOURA, Tania Maria de Melo. **A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: EDUFAL, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos**: dilemas atuais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE; Eliana Borges Correia de. Alfabetização e Letramento: o que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”? . In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2010.

RICHARDSON, Robert Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Fernanda Rodrigues; PORCARO, Rosa Cristina; SANTOS, Sandra Meira. Revisitando estudos sobre a formação do educador de jovens de EJA: as contribuições do campo. In: SOARES, Leôncio. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**: o que revelam as pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. In\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003, p.13-25.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Alfabetização de pessoas jovens e adultas: outras miradas, novos focos de atenção. In: SAMPAIO, Marisa Narcizo; ALMEIDA, Rosilene Souza. (Orgs.). **Práticas de Educação de Jovens e Adultos**: complexidades, desafios e propostas. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução por José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984, 168 p.